

ROCHA PEIXOTO

OBRAS

VOLUME I

ESTUDOS DE
ETNOGRAFIA E DE ARQUEOLOGIA

Edição da CÂMARA MUNICIPAL DA PÓVOA DE VARZIM
1967

ETNOGRAFIA TRASMONTANA

APODOS TÓPICOS (*)

É manha de Portugal,
Comer e dizer mal.

Dit. pop.

A emulação de raças, castas, nações e partidos não escapa geralmente ao reparo de quem, na derivante multiplicidade de embates sociais, dedicou leituras, ouviu narrativas ou consagrou atenções. O episódio tão interessante e ainda latente, embora atenuado, da tradicional rixa entre cristãos e judeus, principalmente no leste trasmontano, o caso, sempre exuberante de infindos pormenores, da separação de castas na Índia, já descritos pelos cronistas e ainda viçosos nos relatos dos que ora de lá vêm, a delida mas não extinta antipatia de portugueses e espanhóis, principalmente nas fronteiras, e, por último, os recentes acontecimentos políticos com os seus tradicionais aspectos de sectarismo ferino, breve nos estimulam a atenção alheada para esta irreductível, universal, voluntariosa e inane malquerença dos homens!

O *homem lobo do homem* define, numa radiante síntese, a estrutura essencial da besta abominável que é semelhante bicho! Porque nem só as grandes massas colectivas diferenciadas pelo sangue ou pela religião, os grupos mais circunscritos das nacionalidades, nomeadamente as confiantes, os agregados políticos antagónicos adentro dum mesmo país se desprezam ou se detestam por motivo de ideias e de fórmulas ou sob a égide de Princípios e Figuras: descendo, a mesma inimizade ressumbra, igual antinomia não raro transparece nas relações entre gentes de regiões contíguas, de províncias chegadas, de localidades próximas, de bairros na mesma aldeia, de profissões diversas e até

(*) Trabalho publicado na revista *Ilustração Trasmontana*, vol. I (Porto, 1908), pp. 75-80.

dos mesmos misteres! Ao espírito desatento estes episódios de detalhe surgem frequentemente como casos isolados, caracterizando pejorativamente uma terra, um povo ou uma ocupação; e afinal integram-se, como moléculas se restringidos aos factos individuais, como pormenores de mais vulto se extensivos a populações, na infinita e impiedosa maldade humana!

Para a apreensão de alguns dos seus reflexos é interessante exhibir e arquivar uns vagos materiais neste vago artigo de revista literária — ligeiramente, brevemente, desde a zona larga ou densa até à molécula social originária, acentuando inicialmente a percentagem insignificante das características benévolas ou justas contraposta à grande maioria das injúrias e sarcasmos.

É banal recordar, como um dos inúmeros motejos entre as duas nacionalidades peninsulares, de par com várias anedotas populares ou históricas, e sempre deprimentes ou pícaras, a asserção portuguesa

De Espanha nem bom vento,
Nem bom casamento.

ao que os nossos vizinhos opunham

Portugueses pocos,
Y eses locos.

A multiplicidade inesgotável de anedotas acerca dos galegos, como no sul de Portugal a extensão do qualificativo escarninho às gentes do Minho e Douro, o mesmo desdém na própria Espanha pela sua província atlântica, paralelo ao despeito, enxertado noutras razões, que lhe provoca a Catalunha, correspondem, em maior amplitude, às facécias e invenções alusivas aos *rabudos* ou judeus, às rivalidades *alfaceinhas* e *tripeiras*, às discórdias ou remoques entre províncias e regiões.

Na Ribeira do Alto Minho contava-se, para deprimir o castrejo, que, consultando-se para Castro Laboreiro acerca da vacina necessária em face da ameaça duma epidemia variólica, os montanheiros apenas reclamavam *meio cabaço* dela! É o caso afim do chá serrano, em Terras de Barroso, no Marão e também em Castro, com ligeiras variantes.

Tendo alguém dado umas folhas de chá a uma serrana, esta as devolveu pouco depois num prato e cozidas, perguntando se deveria deitar molho naquelas ervas, ou estranhando a pequena quantidade

das *covitas* para um caldo, ou ainda fazendo outros comentários que variam consoante as regiões e os narradores. A balela atribui-se a numerosas localidades e entram nelas ou padres, ou viajantes, ou caçadores e até pessoas da família de quem conta: — palavra de honra!

O beócio na antiguidade, o *auvergnat* em França, o galego na própria Espanha foram e são, idênticamente, o alvo de análogas chascotas. A qualquer deles se atribuiria, como na Campeã, o caso do café fervido e coado por um ramo de carqueja! Na denominação depreciativa de *rabos de lobo* com que os habitantes das baixas definem os montesinos do Marão, resume-se, como em várias outras, a característica popular e chasqueante desses montícolas!

De província para província a hostilidade reveste também vários aspectos. Para o beirão a fidalguia portuguesa lá tem o primado e lá subsiste, como afirma por seu turno o minhoto com igual ênfase. O trasmontano monopoliza o privilégio da força e da franqueza, apatnágios afinal tão exclusivos e tão exactos como a quimera, apenas literária ou de comício, de que *para além do Marão governam os que lá estão!* Com exactão paralela é frequente ouvir-se em Trás-os-Montes chamar galegos, pejorativamente, aos minhotos; e a seguinte característica popular destes últimos de lá procede, certamente:

Homem do Minho
Calça de pau, (*socos*)
Veste de linho,
Come pão de passarinho, (*milho miúdo*)
Bebe vinho de enforcado,
Arrenea dele como do diabo!

Mais vulgarizada ainda, sob múltiplas variantes plásticas, é outra classificação provincial pelas respectivas capitais:

Livra-te do mouro e do judeu,
E da gente de Vizeu;
Mas lá vem o braguês,
Que é pior que todos três.
E o Porto no seu contrato,
É pior que todos quatro.

Os despeitos das localidades, principalmente das contíguas, se bem que modernamente atenuados, contavam-se outrora, bem por certo, pelo número das povoações. Numerosos exemplos, aliás de bem

ROCHA PEIXOTO

curta inventiva na maledicência e bem pálidos como ironia, era fácil juntar, ou colhidos directamente na tradição oral ou buscados nos folcloristas. Como exemplificação alguns bastam, apenas:

Caçarelhos já foi vila,
Miranda nobre cidade,
Vimioso ladroeira,
Como toda a gente sabe.

Castro Vicente,
Ruim vila,
Pior gente.

Aboá,
Pouca terra,
E essa má.

Das duas últimas, referentes, como a primeira, a localidades trasmontanas, pode aproximar-se a que o sr. Teófilo Braga, no seu *Povo português*, insere acerca duma terra alentejana:

Serpa, serpente,
Ruim terra
Pior gente. (*)

o sr. Tomás Pires, na *Revista Lusitana*, sobre uma vila da mesma província:

Vila Boim,
Terra boa e gente ruim. (**)

o sr. Leite de Vasconcelos no seu breve escrito intitulado *Dictados tópicos*:

Em Barrô (Lamego)
De cem homens,
Nem um bô. (***)

e ainda, análogamente, o sr. Adolfo Coelho na *Portugália*:

É como os da Mealhada,
Que o que dizem à noite,
Pela manhã não é nada. (****)

(*) Teófilo Braga — *O Povo Português*, vol. II (Lisboa, 1885), p. 352.

(**) A. Tomás Pires — «Tradições Populares Alentejanas», in *Revista Lusitana*, vol. I (Porto, 1887-1889), p. 60.

(***) J. Leite de Vasconcelos — *Dictados Tópicos de Portugal* (Barcelos, 1882), pp. 16-17.

(****) Adolfo Coelho — «A Pedagogia do Povo Português», in revista *Portugália*, tomo I, fasc. 3.º (Porto, 30 de Setembro de 1901), p. 490.

correspondente a estoutra ouvida em Bragança:

Os de Vila Meão,
O que dizem à noite,
Já o não dizem pela manhã.

e ainda a esta, a bem dizer equivalente:

Os de Arraiolos,
Grande cabeça,
Poucos miolos.

As vezes caracterizam-se as povoações ou pelos seus produtos de estima:

Boa raba de Soeira,
Bom pão trigo de Paçô,
Bom vinho de Alvaredos,
Boa castanha de Sobreirô.

ou pelas suas deficiências:

Se fores a Lomba,
Leva pão,
Que o vinho,
Lá to dão.

Se fores a Monforte,
Leva merenda e capote.

e, até certo ponto, pelas suas distâncias ou asperezas de itinerário:

Quem quiser saber o que é mau caminho,
Vá de Soutelo para Montezinho.

Quem quiser saber o que as léguas são,
Vá de Izedá a Santulhão;
E se quiser saber a verdade,
Vá de Bornes à Trindade.

Mas são casos menos comuns a opôr aos que precedem ou similares:

Com os de Vila Real
Nem de bem, nem de mal.

ROCHA PEIXOTO

Mirandela,
Mirar de longe,
E fugir dela.

Santagões (Vila do Conde)
Doze moradores
E treze ladrões (O 13.º é o abade)

comparável ao indicado pelo sr. Tomás Pires:

Santa Eulália de Tenões, (Braga)
São 29 fregueses,
E com o abade,
São 30 cabrões.

e ainda ao colhido pelo sr. Vasconcelos:

S. Martinho de Leitões, (Minho)
Vinte e nove fregueses
E trinta ladrões (O 30.º é o pároco) (*).

Na *Portugália* o sr. Adolfo Coelho arquivou:

De Viseu,
Queria eu,
O cão para coelho
E não o homem para conselho. (**)

É uma das várias sentenças em que se distingue, nas localidades, o bom e o mau. Elogiando-se as cerejas da Penajóia nunca esquece, simultâneamente, a história de os seus habitantes irem um dia atrás dum melro, que lhes roubara um desses frutos, até à Teixeira, no Marão. Entre outros casos semelhantes bastará apontar o de Chaviães, no concelho de Melgaço. Muito trabalhadores, mas muito miseráveis, todos os vizinhos perseguiram um dia, até à vila, um pássaro que lhes roubara um figo!

Destes e doutros factos similares derivam muitas das arrelias com que se escarnecem os naturais de certas localidades. No *Minho*

(*) J. Leite de Vasconcelos — *Dictados Topicos de Portugal* (Barcelos, 1882), p. 13.

(**) Adolfo Coelho — «A Pedagogia do Povo Português», in *Portugalia*, tomo I, fasc. 3.º (Porto, 30 de Setembro de 1901), p. 490.

pitoresco J. Augusto Vieira aconselha a que ninguém pergunte, passando em Valongo, pelo padre Veríssimo: fora um ganhão emérito justificando a lenda lúbrica de excelso povoador local! A ofensa emerge diáfana. (*)

A classificação de populações, breve, em regra zombeteira ou injuriosa, rimada às vezes, com ou sem ritmo, é em Trás-os-Montes, como em nenhuma outra província do país, — pelo menos segundo o que está apurado — uma forma comuníssima de chasco, vaia e surriada. É lícito afirmar-se que rara é a terra trasmontana onde não se nos depare uma qualificação pejorativa das localidades de em volta.

O sr. Adolfo Coelho trasladou na *Portugália* umas dezasséis referências às populações de Aveiro e lugares próximos (**); na sua obra já citada o sr. Teófilo Braga apresenta trinta e seis ditados tópicos alusivos a alentejanos (**); avulsos e em pequeno número são ainda os que transcreve, no folheto dito, o sr. Leite de Vasconcelos (****). A literatura trasmontana da especialidade, porém, é incomparavelmente mais vasta e susceptível, por indagação fácil e simples, de crescer enormemente. Poucos exemplos bastam para legitimar o asserto. Em seus *Subsídios para a sintaxe histórica e popular* o sr. Júlio Moreira insere os apodos seguintes dizendo respeito às proximidades da Régua:

Materiais (ferradores) de Jogueiros,
Caneantes (garotos) de Fontelas,
Turbulentos de Loureiro,
Cuquilhos de Oliveira,
Velhacos de Moura Morta,
Sacadores (ladrões) de Sedielos,
Fachineiros (ladrões de mato) de Medrões,
Arêos (bulhentos?) de Fontes,
Infernais de Sanhoane,
Flatuantes de Lobrigos. (*****)

(*) José Augusto Vieira — *O Minho Pittoresco*, tomo II (Lisboa, 1887), pp. 587-588.

(**) Adolfo Coelho, *art. cit.*, p. 491.

(***) Teófilo Braga — *O Povo Portuguez*, vol. I (Lisboa, 1885), p. 101, vol. II (Lisboa, 1885), pp. 352-353.

(****) J. Leite de Vasconcelos — *Dictados Tópicos de Portugal* (Barcelos, 1882), pp. 9-18.

(*****) Júlio Moreira — *Estudos da Lingua Portuguesa*, primeira série (Lisboa, 1907), p. 176.

ROCHA PEIXOTO

O sr. Pedro de Azevedo reproduz dum jornal, na *Revista Lusitana*, a enumeração com as respectivas qualificações, nem sempre compreensíveis, das localidades que ficavam no caminho de Braga para a Terra Quente, passando por Chaves (*):

Almocreves são da Lage,
Tacheirinhos são do Prado,
Lavamalgas Romeirinho,
Os maus homens do Carvalho,
Videirinhos do Pinheiro,
Stalajadeiros de S. Gens,
Saem grilos ao Torrão,
Papa-santos Igreja Nova,
Borradouros Pousadouros,
Boas pingas na Arrechão,
Rasga-baetas no Penedo,
Fura-bolos são da Foz,
Cega-mochos das Gosgominheiras,
Mosquinhas são do Cubo,
Os moleiros são de Cela,
Demandistas de Salamonde,
Ruivães, poucos e que tais,
Esfola-cabras nas Boticas,
Tripa-longa Lamalonga,
Arranjados são de Campos,
Grande fêmea de Padrões,
Pára-borra Venda Nova,
Saca-bolsas Codeçoso,
Mata-lebres Pai Afonso,
Os lobeiros são da Serra,
Manteigueiros das Alturas,
Ratoneiros da Atilhó,
Perfumados das Lavradas,
Arrebite Carvalhelhos,
Arrinca-nabos são de Beça,
Os rabinos são das Quintas,
Futriqueiros das Boticas,
Muitas fêmeas tem a Granja,

(*) Pedro de Azevedo publicou, de facto, na *Revista Lusitana*, dois recortes de jornais contendo apodos populares [Pedro de Azevedo — «Apodos políticos e geographicos», in *Revista Lusitana*, vol. VIII (Lisboa, 1908), pp. 328-329]. Mas tais recortes deviam ter aparecido na *Revista Lusitana* numa data posterior à da redacção deste trabalho de Rocha Peixoto — e os apodos neles incluídos não só são totalmente diferentes dos que Rocha Peixoto a seguir transcreve, como nem sequer se referem a povoações do norte do país! Ter-se-ia Rocha Peixoto equivocado? Ter-se-ia servido de uma informação errada acerca dos textos que Pedro de Azevedo tencionava divulgar?

Sapelos e Sapiãos.
 E muitas mais Bentuzelos,
 Ferra-moscas Casas Novas,
 Ribeirinhos de Curalha,
 Cornudinhos são do Cando,
 Trampolineiros Casas dos Montes,
 Pouca nobreza há em Chaves,
 Padeirinhas de Faiões,
 Castanheiros d'Assoreiras,
 Castelo de Monforte,
 E paro aqui que vou p'r'ó Norte.

Um dos mais prestimosos e inteligentes investigadores trasmontanos, o sr. vigário Francisco Manuel Alves, fornecia-me, em Bragança, a documentação inédita que segue:

Fidalgos da Carregoza,
 Carvoeiros de Soutelo,
 Malhadores de Montezinho,
 Cavadores de Vilarinho,
 Carêgos de Paçô,
 Orelhudos de Espinhosela,
 Cucos de Terroso,
 Caga-tascas de Portela,
 Carunheiros de Oleiros,
 Cerejeiros de Donai,
 Rabeiros de Soeira,
 Salseiros de Vila Nova,
 Telheiros do Castro,
 Louvados de Gostei,
 Subiotes os de Sortes,
 Capadeiros de Rebordãos,
 Cebolheiros de Nogueira,
 Vassoureiros de S. Pedro,
 Bogalhudos de Santa Comba,
 Quebra-cornais de Deilão,
 Estoura-jugos de S. Julião,
 Basófiás de Babe,
 Saquitas de Rio d'Onor,
 Escalda-pobres de Baçal,
 Passa-pontes de Rabal,
 Cadelos de Meixedo,
 Gorretas de Aveleda,
 Coelheiros de França,
 Péla-cães de S. Gemil,
 Esfolagatos de Vilar,
 Merendeiros de Edral,

ROCHA PEIXOTO

Justiceiros do Brito,
Saías altas de Frades,
Fraguiceiros de Ferreiros,
Porcos-piscos de Amauso,
Quebra-nozes de Sendim,
Bailarotes de Gestosa,
Estripa-bogas de Sernande,
Onzeneiros de Cisterna,
Fura-gateiras de Passos,
Cerra-cancelas de Vilar Seco... (*)

E ainda outro trasmontano ilustre, de longa data ausente da província, conservava as reminiscências dos apodos que ouvira, em criança, no Mogadouro:

Rajadinhos de Valverde,
Cigarristas de Mogadouro,
Valentões são de Meirinhos,
Chascos dos Estevais,
Remondes, mesa de engonzos,
Os de Soutelo, tero-lero,
Maleitosos são das Quintas,
.....

Com estas qualificações dos povos ou lugares coexistiam, e às vezes ainda perduram, as antipatias de gentes de bairros da mesma terra e até de ruas, diferenciados às vezes, e outras não, pelos misteres ou categorias sociais. Os officios, sobretudo, distinguem frequentemente, com ciúme, certas classes. Disputam-se primazias, domínio, importância económica e artística — talqualmente, nas repartições públicas, as controvérsias, entre empregados menores sobre a hierarquia de guardas e serventes!... As condições de vida e suas exterioridades naturais e dependentes promovem igualmente gracejos ou apupos das classes que se julgam superiores.

Entre muitas anedotas atribuídas aos pescadores da Póvoa de Varzim, numa se conta que eles costumavam estar às portas comendo pão com os próprios piolhos! Inquiridos sobre tal abominação responderiam que *comiam o seu sanguinho!* Por seu turno o pescador limita-se, como represália, a chamar à *gente da terra* — eles são *do mar!* — *peixes de coiro.*

(*) O P.º Francisco Manuel Alves publicou mais tarde uma variante desta série de apodos, no tomo IX das suas *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragaça* (Porto, 1934), pp. 247-249.

Várias profissões — estalajadeiros, almocreves, arrieiros, moleiros, carvoeiros, magarefes, etc. — eram consideradas desprezíveis, traduzindo-se esse desdém, em algumas delas, com os casamentos efectuados, principalmente, só entre os membros da mesma ocupação. Menos depreciadas mas ainda desdenhadas foram outras, como a dos ceramistas populares: é com bem ténue consideração que se alude aos *paneleiros* de Mirandela, de Vilar de Nantes (Chaves), de Pinela (Bragança) e de Bisalhães (Vila Real).

O eclesiástico, porém, motiva, e em toda a parte, a mais vária, cáustica e burlesca colecção de mofas, de histórias lúbricas, de referências cruéis à sua voracidade e sua cubiça, de escárneos e pilhérias acerca da insignificância suave, fácil e parasitária dos seus labores — colaborando mesmo muitos dos que, com mais ostentosa assiduidade, praticam os deveres exteriores da religião! A série era longa para este apressado e ligeiro artigo de jornal; mas todos recordam ter ouvido facécias, aos padres referentes, em contos, anedotas ou versos:

Vou-me casar a Salzedas,
Que me deram para degredo;
Que é terra de muito padre,
Canta lá o cuco cedo.

Anos de missão,
Anos de criação.

O sr. Teófilo Braga, no excelente capítulo do seu livro em que trata de semelhantes hostilidades, reúne várias chufas rimadas, algumas das quais conhecidas e vulgarizadas por todo o país:

Alfaiates não são homens,
Carpinteiros também não,
Homens são os Lavradores,
Que enchem a casa de pão.

Sapateiro mangoneiro,
Come tripas de carneiro.

Trolha, mirolha,
Rabo de solha.
Etc. (*)

(*) Teófilo Braga — *O Povo Portuguez*, vol. I (Lisboa, 1885), pp. 106-107.

Espontânea e naturalmente imitativos os rapazes ensaiam já e reproduzem, não raro com mais fereza, as rivalidades, antagonismos e despeitos dos seus maiores. Todos lembram as antipatias criadas já nas escolas, às vezes gerais e de impiedosa crueldade para com outro que justa ou injustamente determina o desagrado. São comuns os casos de perseguição, de luta ou de chocarrice, como este, numa vila do Norte, em que, à saída das aulas, certo efeminado e *acusador*, filho dum sacerdote e ao diante beato e avaro, era diária e sistematicamente corrido, à vaia e à pedrada:

Oh! Fortunato,
Oh! engeitado,
Mal amanhado,
Mal amassado,
Feito ao torno,
Cara de corno,
Filho de padre,
Filho da p...
Pum! Pum!

Como exemplo de lutas entre rapazes da mesma localidade tem este, de Meirinhos, no Mogadouro, numerosos símiles. Dividiam-se os moços em dois grupos, os da Soalheira e os da Avesseira, a fim de praticarem o *puxar*. Para tal tomavam uma vara em cujas extremidades se agarravam os dois partidos, e, com esforços reiterados de parte a parte, às vezes lentos e frequentemente raivosos, cuidava cada um deles de levar o antagonista para determinado lugar, uma poça, por exemplo. Era, sob um aspecto minúsculo, um exercício de luta cuja expressão definitiva se exhibia nas celebradas *guerras de rapazes*. Todas as localidades, mais ou menos, as contam entre os seus episódios pitorescos e, uma ou outra vez, sangrentos.

Em geral as discórdias dos homens provocam ulteriormente a imitação dos rapazes: no Porto, depois do 31 de Janeiro, as campanhas dominicais à pedrada foram tão renhidas que só se entrangularam com a intervenção da guarda municipal.

Numa vila do Alto Minho, em Arcos de Valdevez, os rapazes daqui tiveram, há bons 50 anos, uma celebrada guerra com os das freguesias de S. Paio e de Giela. Os dos Arcos ocupavam o seixal da Valeta, junto ao Vez; os de Giela distribuíam-se por cima dos muros da quinta de Requeijo e vielas; os de S. Paio, por último, reuniam-se aos seus aliados vindo pela Lamela. Às duas horas da tarde de todos os domingos começava o prélio, anunciando-o um tiro de peça; e, em

regra, era pelo pontilhão do rio que os de S. Paio e Giela tentavam invadir o seixal e desalojar o inimigo. Sucedia, porém, que os dos Arcos levantavam sempre no burgau um *castelo*, ou seja uma enorme massa de seixo por trás da qual se defendiam, colocavam os feridos e, nos ângulos, dispunham as esculcas — além de outras rondas e vedetas. Ao alto drapejava a bandeira. Encetada a peleja, a que ulteriormente mesmo os homens aderiam, durava até à noite, com impedimento, até para as autoridades que pretendiam intervir, do trânsito pelo pontilhão e adjacências. E ficaram na memória dos de então algumas astúcias de guerra, já sugeridas e praticadas naquele alvorecer de mocidade: certo domingo um dos de S. Paio, o *Tenente*, desceu por uma quelha do Espírito Santo em direcção ao rio, pelo poço do Caldeirão, sem que o vissem nem pressentissem, e, mergulhando, atravessou o Vez, com a traça oculta e heróica de arrebatat a bandeira do castelo por surpresa. Mas quase ao fim do lance dão com ele as vigias e obrigam-no violentamente a retrogradar remergulhando!

Em Vila Real as guerras eram entre o Picledo ou Calvário e o Cemitério. Às vezes, — o que é frequente — colaboravam pais e mães, estimulando e fornecendo a metralha. E como, há algumas dezenas de anos ainda subsistissem restos de muralhas na vila velha, era lá que se desfaldavam as bandeiras, davam os sinais e barricavam as hostes.

Em Bragança, como em Chaves, foram terríveis estas guerras de rapazes, com ferimentos, campos talados e intervenção final da cavalaria. Entre os da Sé e os da *Vila* combatia-se à pedra e à funda; e se a tropa saía, uniam-se então todos contra o inimigo comum — como no Porto, depois de Janeiro — e por vezes recuava a força armada!

...Desta ferocidade intrínseca, fundo eterno do ruim bicho dissimulado, egoísta e fátuo que é o homem, do berço ao fim, resulta bem verdadeira, a frase que já Hobbes applicava ao mundo antigo: «Guerra *omnium contra omnes!*»

Clichés da *Portugália*. (*)

Porto. Julho, 1908.

(*) Quando este artigo apareceu, em 1908, na *Ilustração Trasmontana*, vinha acompanhado de doze fotografuras que reproduziam algumas das personagens e das peças de vestuário com que na *Portugália*, e no ano anterior, Rocha Peixoto havia ilustrado o seu trabalho sobre «O Trajo Serrano» [figs. 5, 7, 13, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 28, 42, 49, 51 e 55 de «O Traje Serrano», publicado na revista *Portugalia*, tomo II, pp. 360-389 (e a pp. 222-248 deste vol. I das *OBRAS* de Rocha. Peixoto)].